

A VELHA GUARDA

ÓRGÃO LOCAL DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

EDITOR:

Propriedade da Empresa de A VELHA GUARDA

DIRECTOR:

Alcindo Dias Pereira

Vitorino Simões Lopes Sampaio

Redacção e Administração: Rua 31 de Janeiro, 165 — Composto e impresso na Tipografia de A TRADIÇÃO: Rua Miguel Bombarda — FAFE

António José de Almeida Nós e os jesuítas

O meu preito também ao que foi o maior apóstolo da Democracia. O meu preito e as minhas lágrimas ao mais nobre paladino da República, ao que, com o verbo e com o exemplo, melhor serviu a causa da Liberdade e da Justiça, que ele não confinava nos estreitos limites duma Pátria, antes sonhava universalmente queridas, como esteios imprescindíveis à solidariedade e fraternidade humanas; máxima aspiração do seu cristianíssimo espírito, fulcro de toda a sua actividade assombrosa, norte que sempre seguiu com a fé sublimne dos predestinados. O meu preito e as minhas lágrimas como soldado da mesma legião; a minha saúde e a minha gratidão pela luz que em meu espírito derramou, quando, rapaz ainda, me debatia entre os mil preconceitos de um ambiente devoto até à superstição.

Largos anos se passaram já desde o dia em que pela primeira vez o ouvi, tantos anos que da estuante mocidade de então nada resta; e, contudo, nos meus ouvidos, como na minha alma, conservo ainda a divina harmonia das suas palavras e das suas ideias sempre sublimes e sempre sugestivas pela verdade que encerravam, pela causa que serviam, pela fé que delas emanava e por elas se impunha.

Hoje, como nesse dia, ouço-lhe as apóstrofes veementes com que arremetia contra o trôno parasitário e caduco, a igreja ambiciosa e venal. Vejo-o ainda, hercúleo, magestoso, reclamar para todos o seu quinhão de justiça e de ventura, e investir, formidável de eloquência, contra os privilégios e as prepotências dos que feimavam em manter na frente do Povo o estigma

da escravatura, verberando a chatinagem política da monarquia, origem da corrupção social e do desequilíbrio financeiro da Nação. E em todos os peitos uma nova esperança surgia, a esperança de um Portugal melhor, duma sociedade mais sã, de uma vida mais harmoniosa e mais bela.

O entusiasmo do eminente tribuno era, como a sua fé, comunicativo e empolgante, quer quando se dirigia ao sentimento patriótico dos ouvintes, quer quando em ardorosas frases, fazia avultar a generosa aspiração da República, nova terra da Promissão, onde o povo português iria buscar novos alicios que de vez o libertassem da inepta tutela dos Braganças e o levassem a, livre e firmemente, cumprir seus altos designios, que uma história gloriosa de lutas pela liberdade delineava e favorecia.

Na sua agitada vida pública, como na sua modesta e modelar vida familiar, nem um só acto a conspurcar-lhe o nobilíssimo carácter, nem uma só nuvem a empanar-lhe a limpidez e a tranquilidade da consciência.

Viveu como um justo, morreu como um santo, na hora derradeira querendo ainda evidenciar a magnanimidade do seu coração: êle que para todos foi generoso e por tantos foi afrontado só teve palavras de perdão ao despedir-se da vida.

Espírito de eleição, símbolo imorredoiro do Bem e da Verdade, cavalheiresco líder da Honra e do Dever, que a Bíblia que a tua palavra e o teu exemplo nos legaram se não feche nunca nas mãos do povo que tanto amaste, nas mãos daqueles a quem tudo sacrificaste.

Dório.

Vê-se, pelas várias deferências de que somos alvo, que a campanha levada ativamente a efeito em «A Velha Guarda» desagrada a muito bicho disfarçado em homem.

Urge acentuar, a despeito dessa bicharada, que já mais foi nosso intento encher linguados de original para angariar simpatias.

A verdade acóde sempre ao bico das nossas penas.

E, nessa crueza que nos caracteriza, temos a noção perfeita do presente. Que o futuro é a luz duma verdade tão humana quanto difamada pelas sinistras gerações que, em rosário de mascaradas, perpassam como fantasmas por este planeta.

Sabemos arrostar com os ódios dessa mascarada enorme que se orna com vitórias grandes e se envergonha de teríveis fracassos.

Venceram nas trevas dum passado fra desco, brilharam ainda na penumbra das consciências em formação e procuram amolatar-se arteiramente ao «hoje do espírito redimido».

E' a história de sempre, é o velho serpentear do jesuíta. O aranhão insaciável esconde-se da luz, mas, fazendo piso de todas as excrescências, não abandona a luta.

Fere porque é, por atavismo, um sanguinário; persegue instintivamente porque é uma fera aclimatada ao sistema de Quinhentos; evita o choque do «frente-a-frente» porque é sobretudo um covarde.

E' a essas sanguessugas da humanidade que nós fazemos guerra—nós, longínquos descendentes das suas victimas.

Triste condição a desses leprosos! Na sua hediondez não podem nivelar-se ao resto dos homens. As suas almas negras, mais negras que a noite, em que lhes medra a malvadêz, são o nosso perigo de encruzilhada, o abismo que tenta fascinar-nos por uma lei diversa de atracção.

Apanhados ao sol, vê-los-heis, caro leitor, a joeirar uma série de espertezas sobre o povinho inculco, êsse povo dócil que permanece ainda na infância da consciência.

Convém ao jesuíta essa incultura; que esta é para êle a sua razão de ser, a chave do negócio—para não dizer a gárgula do roubo. Há gente que ainda os tolera. Porque os tolera ainda?—E' a eterna verdade: porque se arrasta na estupidéz a que criminosamente a imitaram os inimigos de seus avós, seus inimigos de hoje.

Bem haja o despertar dêsse leão tão recalcado! Ha-de lêr naquelas almas que o venderam em nome do Senhor.

Respirará então de roqueira alçada sobre as bentas costelas dos filhos de Loyola, êsse homem que a Igreja canonizou com o nome de «Santo Inácio»...

Hieras em peles de cordeiro, os jesuítas, arrogam-se o nome duma companhia—é uma socie-

ANEDOTA COISAS E LOISAS

Um fidalgo minhoto da «Casa do Forte» anilando a rabiscar no meio d'uns alfarrábios do tempo dos seus avoengos, encontrou uma deterioradíssima planta, que pelos traços mais visíveis, lhe pareceu ser a do velho castelo que habitava.

Amigo de tudo que cheirasse a velharias, alimentou desde aquêl momento a ideia, que se apresentou no seu entendimento como genial, de reconstruir o desmantelado castelo e fazê-lo reaparecer à luz do dia, como nas horas felizes, a quando da sua construção, na idade média.

Calino, amigo pessoal do fidalgo, logo que soube dos seus projectos, não descançou um momento, enquanto não se viu senhor da chave do grande empreendimento.

De posse de autorizações discrecionárias, pois de outra forma, Calino, não tomava conta dos grandes trabalhos de investigações históricas e architectónicas, começou por chamar a si a chefia da casa, passando imediatamente mandado de despejo ao proprietário e inquilino do prédio.

O fidalgo a tudo se sujeitou, pois o que queria ver era essa esplendida castelo, do qual só restavam umas desmanteladas muralhas, e um casarão velho que seria de habitação, reconstruído e aformosado com a mesma pompa e luxo dos seus antepassados; triste e cabalho por ter de abandonar aquelas velhas paredes que o viam nascer, lá foi residir para a casa do caseiro mais próximo d'um dos seus campos de lavradio.

Calino começou por escançar o que ainda restava da antiguidade, e assim é que, passado algum tempo, do castelo, nem já as desmanteladas muralhas existiam; começando nessa altura a deltar a sua vista destruidora para a velha habitação, entretido como a lava em deltar abaixo tudo, para escolher dentre os destroços pedregulhos pre-históricos, ponpou a sua fúria arrasadora, esse precioso prédio, que era todo o enlevo do filho mais velho da casa.

Este ao presentir que Calino, ia fazer ao prédio, o mesmo que já tinha feito ás muralhas, correu a pontapé pela propriedade fóra, o qual em presença d'aquella enérgica attitude, fugiu espavorido e perseguido por uma matilha de cães, que vendo-o fugir, nunca mais o largaram.

dade comercial não prevista no código do comércio e cujo capital é ilimitado—que dizem de Jesus.

E' em sùmula, uma companhia de seguros contra accidentes e outros perigos que possam surgir na garganta que vai dêste mundo ao outro. Como ainda ninguém reclamou das bandas de lá qualquer espécie de gratificação por perdas e danos a companhia enriqueceu e fez a apologia da beatífica unção das suas drogas.

Grandes farçantes!... Turbamulta de bôbos na feira do azeite!

Ora aí está como êles vivem, os da companhia. E' simplesmente indecoroso que êles, num rasgo de honestidade, não chamassem a si outro patrono:

Heródes por exemplo. E ficariam sendo a «companhia de Heródes» ou de outra coisa

Os funerais de António José de Almeida e de José Relvas, os do primeiro, sobretudo, foram autenticas apoteoses ao regime republicano, de que os dois mortos ilustres foram propagandistas e fundadores.

Toda a nação, toda a alma liberal do povo português, vibrou de comoção ante o facto brutal da morte destes eminentes caudilhos da Democracia.

Republicana, a Nação soube prestar homenagem condigna aos inclitos cidadãos que melhor exemplificaram os seus princípios por ela adotados em 5 de Outubro de 1910, ao mesmo tempo que afirmava a sua fé nesses princípios.

Que reparem nisto os videirinhos da política. A Nação e a República estão hoje sólidamente identificadas.

E' de uma actividade pasmosa, de uma fecundidade assombrosa, o snr. Rocha Martins. Chega a gente a duvidar de que em tão pouco tempo se faça tanto.

Agóra dá sua excelencia á publicidade uma «História de Portugal». Não nos chegou ainda ás mãos um exemplar da obra réclamada; nada podemos dizer do seu valor. Se, porém, ela é feita com aquêl critério com que o talentoso escritor Malheiro Dias quiz tirar do nada o pobre do D. Sebastião, e que António Sérgio tão bem escalpelou, certo é que elogios lhe não faremos.

qualquer. Mas, pretenderem igualar o meigo Nazareno, essa alma pura que se fez matar no Gólgota, é já tramação enorme.

E' pôr num frasco de água «choca» o seguinte leweiro:—essencia de rosas. Que êles não são rosas nem lírios; são ervos de alimária. Defenderam sempre o imperialismo dos grandes opressores e, por teoria, estão em desacôrdo com o ideal que defendem. Bem sabemos que lá no outro mundo há mil e uma facécias a gosar; mas êles vão-se acomodando neste com o melhor e mais saboroso petisco. E' que não tem grande confiança na recepção que os espera. Naturalmente, queriam músicas e cantarôla de anjos e arcanjos e... ainda por cima, camaróte de primeira para gosar as delicias do Paraíso. Ora chucha!

Lyz.

CALEIROS

Chamamos a atenção para quem de direito sobre o estado em que se encontram vários caleiros dos prédios cidadãos, que, em dias de chuva, despejam sobre os passeios toda a água que podem comportar, obrigando o cidadão pacífico a caminhar aos saltos, não vá um banho de chuva pô-lo como um pinto.

Para que serve a letra do Código de Posturas?

E' extraordinário que haja tanto desmazêlo por parte daqueles a quem incumbia olhar a sério por estas coisas. Está o inverno a chegar e é ridículo que se faça de Guimarães uma estância... thermal.

Providências, senhores!

Assinal "A VELHA GUARDA"

**INSTRUÇÃO
E EDUCAÇÃO**

**A salvação nacional
pela acção escolar**

VI

Não será inoportuno ou despropósito registarmos as relações existentes entre a Pedagogia e a Economia Social.

A pedagogia prática, ou antes a arte de ensinar, bebe os seus preceitos ou regras da pedagogia ainda como ciência abstracto-concreta, pois que, como especialização da sociologia, que deve ser, ainda não é uma ciência perfeitamente constituída.

Ora o pedagogo para orientar-se com segurança não pode ignorar os esteios da sociologia.

A trilogia que mais tem provocado as investigações da sociologia reúne a ciência do direito, a economia social e a pedagogia; e, enquanto a sociologia não for uma ciência definitivamente constituída, não lograrão base sólida para as suas investigações nem os juristas, nem os economistas, nem os pedagogistas.

O homem e as sociedades humanas constituem simultaneamente o objecto da sociologia e da economia social e por isso muito se confundem. É que no estado actual das sociedades civilizadas o homem tomou a característica do «homem económico» com base geral no «homem de ciência» e no «homem jurista».

E por isso, só quando a economia política ou social assentar em qual a função do homem na sociedade e das sociedades na Terra, o jurista formulará a síntese do direito, o pedagogo a síntese e a estrutura da pedagogia: o homem individual ou psicológico; o homem social ou educativo surgirá bem reconhecível.

Entretanto o pedagogo vai-se consumindo em conhecer os trabalhos dos sociologistas e dos economistas que lhe permitam uma melhor aplicação dos elementos básicos da ciência.

Verifica-se amiudadas vezes, porém, o desacôrdo dos economistas; e daí a divergência dos pedagogistas: os clássicos, os experimentais e os negativistas.

Correspondem os primeiros ao individualismo; os segundos ao colectivismo e os últimos ao anarquismo.

Não pôde negar-se que o homem é dos seres que gravitam na Terra aquêle que mais convém estudar para conhecer-se das íntimas forças que impulsionam a vida.

Por sobre a Terra têm passado homens que pareceram concretizar em si forças enormes.

To-lavia só lograram dar lugar a novas aplicações da força que os tornou influentes grandiosos.

A ciência não conseguiu ainda desvendar que leis impelem a humanidade. Se a imitação, a sugestão e a hipnose correspondem a factos que determinaram a ciência a concluir que o homem vive imenso num meio fluido dinâmico que o leva a um fim, aquelas palavras participam muito ainda do vago no seu alcance final.

A escola individualista e a escola socialista mantêm o antagonismo.

É certo, porém, que a socialista se libertou inteiramente do idealismo comunista para se volver em individualista, quando deseja e aconselha o desenvolvimento económico e pedagógico do homem, em ordem a que saiba trabalhar e criar por si próprio, impondo-se a consideração da colectividade.

Individualistas, colectivistas e historicistas no que concordam é em que é necessário chamar à vida colectiva das nações o esforço consciente da multidão, o que sómente se consegue pela instrução popular.

Prof. J. F. B.

10/11/929. Contínua.

Para o Instituto Pasteur

Por terem sido mordidos por um fraldiqueiro que presume estivesse hidrófobo, partem brevemente para o Porto, para fazer o tratamento anti-rábico, os nossos amigos António da Rocha Braga, Alvaro Alves Pinto, João da Mota e João António da Silva Guimarães, (5 reis).

Oxalá regressem o mais breve possível completamente restabelecidos... ao menos do susto.

BICOTILHANDO...

Mente quem diz que as ruas citadinas, em dias de chuva de molha-tojos, ficam intransitáveis, tal a lama que se junta na calçetaria e nos passeios. O Carlos, das águas, tem andado numa fona a regá-las, e estão limpas como nunca se viu.

QUINTA

VENDE-SE na freguesia de S. Salvador de Souto, junto à Freguesia de S.ª Eufémia de Prazeres.

Consta de terras lavradas, vinha, fruteiras várias, mata de eucaliptos, pinheiros bravos e mansos, carvalhos e sobreiros, mato em abundância e água de rega, sendo tudo junto e circundado por parede.

Para informação, dirigir a João Marques de Freitas—Segade, em S.ª Eufémia de Prazeres.

E' MENTIRA! DE PALANQUE

Consciências obcecadas apregôam aos quatro ventos que neste jornal se vem atacando acintosamente a religião de Cristo e que há republicanos (?) que se sentem devéras aborrecidos pela atitude por nós assumida—tal a violência com que exprobamos as péssimas acções do mau padre da beata bisbilhoteira e do jesuítismo proscrito—, insinuando e fazendo acreditar que há propósito declarado de combater a moral cristã.

E' mentira! E' falso!

O padre, aquele padre que sabe interpretar a doutrina de Jesus, que não confunde a usura com a humildade que é perfeição, e que pratica o bem livre de quaisquer interesses, na esperança de conseguir a salvação da sua alma e no desejo de alcançar «certo caminho», êsse, que por índole é bom e que é incapaz de se armar dum caçadeira para matar «os melros» que pousam sobre o seu chapéu-alto, merece e é digno de todo o nosso respeito.

Cerca-se dum ambiente de amor, enche e doira a vida com virtude, julga-se irmão do seu semelhante, e vêmo-lo socorrer o mendigo e vestir o nú. Não tem ambições terrenais, antes as odeia e detesta, nada espalhafatoso, e não indaga se abundam as safras e as prebendas.

Por sua vez, comove-nos a crença fervorosa e sincera da mulher que sabe ser uma esposa exemplaríssima e uma mãe carinhosa e meiga. Não quer saber da vida alheia como aborrece a maledicencia.

Pelo que respeita ao jesuítismo proscrito, é público e notório que a sua missão é a dum seita sem escrúpulos, e que já mereceu reparos dos próprios pontífices que se viram na necessidade de extinguir tão horrenda alcateia.

Distingamos, pois, e que somos intransigentes?

Sim. Somos e seremos intransigentes para com os renegados que se alçaparam em discípulos de Cristo. Não vacilaremos em nosso ataque, custe o que custar, sabido como é que a nossa linha de conduta será só uma e que o nosso programa está de há muito traçado.

As pragas ruins não medrarão, para bem da Humanidade!

E já agora, chamem-nos jacobinos.

Este número foi visado pela Comissão de Censura

Está a tomar vulto aquela questão a que os jornais se tem referido, acerca da retirada do retrato do ex-pároco de S. Miguel, mandada fazer pelo atual abade.

Dizem-nos que um movimento de protesto se esboça e que nisso andam empenhadas pessoas gradas e graúdas da freguesia de Creixomil.

Mas, então, onde reside a razão e a que se apegam o irreverente abade para ir de encontro á vontade dum freguesia inteira? Que espécie de camaradagem há entre os biatíssimos coroados? Qual é o dedo fura-bolos que deseja imitar o dedo da Providencia?

Ah, senhores! Isto de... saias, dá sempre lingua destravada e regateirice.

A ver vamos o rumo que as coisas tomam...

Entretanto, o espectáculo gossase de palanque.

o Povo e a República

Foi com certa emoção que há dias, num jornal socialista, reli uma crónica do sr. dr. Julio Dantas, subordinada á epigrafe «Cruz de Sangue» e na qual é focada a figura admirável e heroica de António de Oliveira, aquêle célebre caldeireiro de Lisboa que foi fusilado pela Guarda Municipal a quando das eleições de 1908, na igreja de S. Domingos daquela cidade, por pretender fazer respeitar o direito que lhe assistia em guardar a urna que encerrava os votos que tinham dado a grande maioria aos republicanos, seus correligionários.

E muito embora o facto fosse já do meu conhecimento, ao reler a sua narrativa, o martírio dêsse obscuro iluminado transfigurado em santo, violentou de novo a minha sensibilidade e firmou uma vez mais o meu ideal, avivando a labareda de fé republicana que propéle e dinamisa o pensamento.

Perante a beleza da sua morte, fui acordado na exaltação da minha anciedade; e, ao sabê-lo ferido e sentindo-o proclamar bem alto o seu pensamento, tracejando numa parêde, com os dedos enfiados em sangue, por debaixo dum cruz, «três palavras que fulgiram e explenderam:—Viva a República!», quando a garganta se lhe inundava pelos borbotões de sangue, o impulso dado ao coração pela agulhada dolorosa que teve origem na recordação de tal facto, foi a semente bendita que germinou no meu peito criando aquella atracção que ao Povo é devida, e que sempre vibrará nos meus nervos como uma ordem para combate.

As lágrimas embaciaram os meus olhos, o incêndio da minha revolta surdida como um incitamento e «a convulsão da sua bravura» aumentou mais e mais a minha repulsa por todos os despotismos, por todas as tiranias.

É que o seu gesto traduziu um grande amor pela santa causa da Liberdade, e, com franqueza é quasi único na história da propaganda republicana.

Não admitia opressão, não desejava continuar a ser o escravo de quem, perante a lei, era seu igual, certo de que havia a denegação da liberdade que queria e desejava, denega-

ção que diminuía a Pátria e que a enxovalhava dum maneira afrontosa.

António de Oliveira, símbolo vivo de virtude e defensor das liberdades populares, naquella hora macabra, nervosa e apressada, estereotipou toda a vontade nacional e retratou fielmente «o gesto colectivo de cinco milhões de braços, que inploravam, que supplicavam, que ameaçavam...»

Batia-se pela República, pela sua liberdade, e, embora se erguesse diante de si o espectro da Morte, não sabia recuar, ou vacilar sequer, em suas nobres intenções. Queria vêr respeitado, e impunha o seu crédito; dava largas á sua revolta, e nada houve que o contivesse em seu impeto! A República era o mar largo das suas reivindicações e sentia-se feliz com o seu sacrificio, com a imolação da sua vida.

É assim a alma do Povo—grande e forte!

L. Coelho

NOTÍCIAS ESCOLARES

Afinal a Ex.ª Comissão Administrativa do município de Guimarães, sómente mandou reparar a residência do senhor director da Central Masculina que foi talhada... sem saber se como.

Se é verdade que a Lei impõe que primeiramente se agasalhe o director, não é menos verdade que a representação foi assinada por quatro colegas que ali podem ser instalados com suas famílias.

Sempre é bom um arzinho de vento de feição.

A matrícula vai subindo e o número de professores permanece inalterável.

PROFESSOR

Para instrução primaria e secundaria até o 2.º ano liceal oferece-se. Vai a casa dos alunos e fóra da cidade.

Habilita em pouco tempo adultos analfabetos a ler escrever e contar.

Preços módicos. Para informações — Farmácia Marins—Praça da República—Guimarães.

Cadela coelheira

Desapareceu, uma de cor preta e que dá pelo mesmo nome, nas proximidades da freguesia de Santa Cristina de Longos. Procede-se contra quem a retiver e gratifica-se quem indicar o seu paradeiro no Club de Caçadores de Guimarães.

Professor

O professor da Escola Central Masculina, Jerónimo Ferreira Botelho, lecciona em casa dos alunos instrução primaria, habilita para exame de admissoão ao Liceu, bem como dá lições de contabilidade commercial.

Propagai

«A Velha Guarda»